

1. O que é isso de ter um olhar que cai, e escorrega?

Ter um olhar que cai, que escorrega, equivale a essa vertigem de ser atingido por algo não procurado, que chega por acaso, que passa pela fresta. Um olhar que cai pode tanto espatifar-se de forma irreversível, espalhando cacós do visível, como esparramar-se de forma macia e homogênea pelo terreno com o qual depara-se. Um olhar que cai, escorrega. Seu conteúdo imaterial derrama-se, misturando-se ao que já está aderido à paisagem, seja ela de que ordem for. Assumir um olhar em queda exige atenção ao detalhe. Ao pequeno. Ao irrisório. Ao mínimo. Ao dispensável. Ao fragmento. Ao resto. A coisa nenhuma. As sobras de tudo o que foi e poderia nem ter sido. E ao que não foi, que também é sobre, sendo obra do descarte.

Lembro de sempre ter gostado, desde a infância, de ficar recolhendo os farelos de pão que caíam sobre a toalha da mesa, seja da própria tábuca de cortar o pão, seja dos pratos individuais de cada membro da família. Com este material, criava desenhos que não podia reter, que desfaziem-se no momento de retirar as coisas da mesa, de sacudir a toalha, de re-arranjar os objetos no lugar. Meus desenhos choviam para o chão, ou para o cesto de lixo. Lembro também do momento da descoberta de que poderia criar formas mais firmes com o miolo do pão, e com este amálgama matérico, solidificava alguns devaneios até então somente entregues às nuvens. Em meu período de formação no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inventava exercícios que aos poucos foram incorporados como método de trabalho, como por exemplo, fechar os olhos e girar em torno de poucos própriamente, até gerar tontura. Ao parar o movimento, escutava a minha própria voz de comando: abrir os olhos e olhar o que, em primeiro momento, estivesse diante de meu rosto. Não poderia haver desvio, nem para aquele canto de olho que piscava, apontando travessura Ali, naquele ponto, a escolha e o escolhido encontravam-se ao acaso. Desta forma, eu obtinha o que chamava de "modelo" para desenhar. No mais, procedimentos determinavam resultados.

Desenhava sapatos, xícaras de café, cantos do quarto, um rádio, bolsas e gavetas abertas, toda espécie de pretexto para riscar papel. Casacos pendurados, telefone, a pia do banheiro, guarda-chuva. Tudo absorvia a poeira pigmentar do lápis pastel. Sempre me interessei pelas coisas. Hoje me interesso pelo que Francis Ponge evoca, em seu livro O partido das coisas, ou por Les choses, de Georges Perec (ainda sem tradução no Brasil). Mas como explorar todas as qualidades de uma coisa? O que é visível em uma coisa?

2. E seu projeto Falas Inacabadas, o que e por onde com isso, desta vertigem, desse fazer falar as coisas?

Ao querer fazer falar as coisas, inicie um projeto que já dura mais de 11 anos, intitulado "Falas Inacabadas". Deste projeto, do qual participas desde o momento em que respondeste com poemas aquilo que até então eram somente objetos, fazem parte múltiplos recipientes do cotidiano que me servem de continentes, digamos assim, para este murmúrio do tempo: o enferrujado, o empoeirado, o úmido, o descartado, o que está prestes a tornar-se invisível. Ter realizado o livro "Falas Inacabadas" junto contigo aproximou-me ainda mais da literatura, da palavra como imagem e a imagem como escritura.

Esta declaração "*Tenho um olhar que cai, que escorrega*" ocorreu no momento em que Alexandre Veras, um dos fundadores do Alpendre e coordenador do núcleo de vídeo, capturava imagens enquanto eu preparava a exposição "Falas Inacabadas" no Alpendre, em Fortaleza, em 2000. esta exposição a convite de Eduardo Frota, também fundador do Alpendreartista e amigo que admiro muito, com quem aprendo sobre perseverança e convivência. Estávamos naquele estreito corredor, espremido entre prédios, mas a céu aberto. Eu já tinha estendido o meu fio de varal e estava pendurando os sessenta metros de toalha branca que eu havia trazido de Porto Alegre. Estender as toalhas era, naquele momento, minha tentativa de entender o pano branco, a textura felpuda, o silêncio poroso da toalha e, sobretudo, experimentar a sua capacidade de absorção. O imaculado do branco não me possibilitava muitas falas inacabadas. Estas dependiam da passagem do tempo, de seus registros, dos acasos que se impregnam em uma superfície, seja de vidro, de louça ágata ou tecido de algodão. Incorporações dos vestígios do dia. Estender as toalhas brancas no varal era me colocar em momento de espera, inorro de meus métodos de trabalho, que sempre conta com a passagem do tempo.

Foi naquele momento que me dei conta que não haveria a possibilidade de chuva, que comecei a molhar o tecido como quem rega as plantas. A maneira como um estensor, um braço esticado, uma torlha a esguichar líquidos preciosos. Inevitavelmente, meu olhar seguia o jato d'água, brilho e transparência em manhã ensolarada. Vertigem: o olhar caiu e encontrou, em um canto, garrafas empilhadas, e na outra extremidade do estreito corredor, madeira e ferro velho, entulhos e falas inacabadas. Um pedaço de arame enrolado foi o suficiente para encontrar o destino das coisas que me acompanharam desde minha cidade: bacias de louça branca, pingentes de cristal caídos um a um de um lustre belga da casa de meus avós, meias de náilon, prendedores de roupa, varais pantográficos.

3. No Alpendre, a falta de chuva, lavar as toalhas e mais ...

Essa possibilidade de lavar as toalhas, fazê-las mergulhar em águas claras, deixando-as decantar ao ar livre, secando em varais improvisados; o que a toalha guardaria deste momento seria a sua memória: uma mácula. As toalhas ficariam impregnadas de alguma coisa que ainda não sei o que é. Penso as toalhas como um grande silêncio branco.

Foi preciso deixar algumas bacias de metal e louça, bem como outros pequenos recipientes dispersos no chão da galeria. Como para ainda tentar reter o olhar que cai, e escorrega. Disse-me um dia Etienne Samain que de falas inacabadas, nossas vidas estão repletas, e citou algumas delas: "*susto, suspiro, sorriso, sonegação, sustento, subdesenvolvimento, surpresa, sonho...*". Ressonâncias à deriva. Seria o momento de eleger o acabado? Ainda não.

Falas Inacabadas, enquanto projeto, teve uma apresentação especial a partir da iniciativa da curadora Angélica de Moraes, que propôs a exposição Vasos comunicantes à Pinacoteca do Estado de São Paulo. Esta exposição reuniu 10 anos de Falas Inacabadas, e ficou aberta ao público de maio a junho de 2003. Quando pensei ter chegado ao fim de um projeto, eis que surge Fundo de rumor mais macio que o silêncio, fala inacabada por excelência, já que sublinha a perda de um amigo que vinha acompanhando o trabalho desde 1993. Este trabalho foi concebido um dia após a morte de Haroldo de Campos, e apresentado no Mac- Fortaleza, integrando minha exposição Horas a Fio. Haroldo tinha, inclusive, um projeto de intervenção poética no Torreão.

4. Isso de uma certa construção do pouco, da sobra, do deslocado, do que não tem lugar no mundo lhe interessa sempre e muito. Como isso em meio a tantas listas de coisas que você gosta de fazer no seu trabalho, para talvez recolocar?

Como construir o pouco? Nada muda muito: pouco. Será pouco aqui. Pouco tempo, pouco caso, pouco pouco. Pouco escuro, um pouco claro, pouco escuta, pouco e justo, pouco peso, pouco espaço, pouco espaço, pouco luz. Pouco rouco, pouca voz, pouco ronco, pouco sono, pouco som. Pouco a pouco, sem pressa. O pouco que nos resta no tempo que não temos mais. Tatear, buscando o preenchimento. Texturar as páginas, absorver as linhas, contaminar o espaço. Uma forma de exercitar o despreendimento, tão necessário hoje, porque se já não há tempo, o que dizer do espaço? É preciso reduzir: chegar ao pouco. Desejar o pouco. Todas essas motivações me vieram a partir da leitura do poema "Pouca", de Tarso de Mello, livro que comprei no mesmo dia de nosso lançamento de "Falas Inacabadas" na Livraria Duas Cidades, em São Paulo. Percebes como é difícil buscar o pouco quando a própria cidade se duplica? Nossa conversa também se multiplica no contato com outros amigos poetas. No poema, Tarso evoca varais. Dali também, uma imagem de ferro de passar roupas. Tempo aquecido. Tempo de esquecimento. Passar, repassar, repensar: pouca-passará. O que fazer com as coisas? Para onde vão as coisas? Qual o destino das coisas? Muitas coisas. Poucas coisas. Listar as coisas. Olhar para as coisas. Se conhecer nas coisas, a partir delas, através delas. Apego às coisas. Necessidade de repertório. Desejo de vitrinas. Olhar as coisas através da transparência do vidro. Esbarrar no silêncio desta transparência. A listagem de coisas acabou por se tornar, em meu processo de trabalho, um novo exercício metodológico. Sempre tenho comigo um caderno aonde vou listando as coisas por fazer. De súbito, listo apenas coisas. Coisas que terminam em DOR, por exemplo: apontador, grameador, coador, liquidificador, computador... Palavras que designam objetos e que têm, em seu sufixo, estas três letras: D O R.

A idéia do trabalho DOADOR veio como forma de compartilhar um fazer: eu não faria o trabalho sozinha. Para construir o que eu pretendia montar na II Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1999) precisei contar com a participação de 270 pessoas, que atenderam a minha carta a elas dirigidas, com o pedido de doação. Quando recebi o convite para participar do evento, remeti a carta para todos aqueles que constavam em minha agenda naquele momento. Defini o prazo de seis meses para a entrega dos objetos, e me propus a esperar no Torreão, de Segunda a Sexta, das 14 as 18 horas. É claro que eu não consegui cumprir este horário, e inúmeras vezes foi Jailton que recebeu os objetos para mim. Estabelecer meus interlocutores por uma agenda de endereços constitui-se como uma nova regra, que só foi rompida quando uma espécie de corrente incontrolável foi tomando forma, fazendo com que eu recebesse, não somente os objetos, mas também cartas e e-mails declarando: "Elida, eu tenho uma coisa para te dar...". Pode haver coisa melhor do que isso? Finalmente, decidi adotar a forma de um corredor (claro, o sufixo dor presente na palavra...), mas não qualquer um: as medidas e os aspectos formais são os mesmos do corredor que sempre ligou a porta de entrada do apartamento de meu avô ao da porta de nosso apartamento. Mesmo prédio. Mesmo andar. Percurso cotidiano. Hoje eu moro, com minha família, nos dois apartamentos, e o corredor foi absorvido como espaço interno, de passagem

4. E esta sua lista de nomes, *do onde e do como nasce um nome*, como você se pergunta, os Claviculários?

Lembro que vi a palavra CLAVICULÁRIO pela primeira vez na *Casa das Fechaduras*, na rua Vigário José Inácio, no centro de Porto Alegre. Naquela caixa metálica, estava apoiado um pedaço de papelão com a palavra CLAVICULÁRIO, caligrafia tosca feita em pincel atômico. A beleza do objeto e a beleza do nome, tudo junto. Musical e medicinal ao mesmo tempo: clave de sol. Clavícula. Como nasce um nome?

Me parece que cada um de nós fabrica suas listas, seja mentalmente, seja por escrito. Estabelecemos listas para combater o esquecimento. Me parece ainda que, uma vez repertoriados, os objetos comuns adquirem um outro estatuto. Há um aumento de valor de existência, nos fornecendo um pouco mais de ilusão face à organização fictícia de nossas vidas. A partir da convivência com alguns autores e artistas, como George Perec e Peter Greenaway, eu aprendi a pensar classificando coisas e palavras que designam a passagem do tempo, ou ainda um vocabulário de verbetes desconhecidos dentro de um texto literário. Eu sublinho as palavras e estas tornam-se objetos. Eles formam listas. Ambos, palavra e coisa, desenham uma existência. Insistentemente, nós nos dedicamos a fazer listagens para as compras de supermercado, lista de materiais escolares para a escola das crianças, lista de coisas a fazer durante a semana, lista de livros a ler (e outra para os livros já lidos), lista de convidados para uma festa, lista dos discos a comprar (esta eu tomo emprestado de Jailton, obsessivo colecionador de discos!), lista das boas intenções para o próximo ano.

Quanto tempo uma pessoa pode dedicar a repertório todos os objetos de sua casa, um por um, situando inclusive o lugar onde eles se encontram? Cozinha, sala de estar, corredor, quarto, banheiro, no interior de armários, guarda-roupas, prateleiras. Com que objetivo?

Um divertimento? Uma necessidade íntima? Que razão pode desencadear o movimento de quem estabelece uma lista? Ao lado da cama de minha mãe, após a sua morte, encontrei uma listagem. Tocada por um bloco de notas ordinário, peça de publicidade de um fabricante de agendas com o nome comercial "*Não esqueça!*", tomei para mim estas folhas preenchidas por uma escritura ditada por objetos vivos. Hoje, não encontro parte desta lista. Ela desapareceu com o medo de ser colocada ao público de forma tão pouco pudica: uma revelação súbita.

Claviculário então, primeiramente, foi o título da intervenção especialmente concebida para uma das salas do Centro Universitário Maria Antônia, exposição inaugurada em novembro de 2002, ficando aberta ao público até fevereiro de 2003. Este trabalho deu continuidade a uma pesquisa e a uma produção visual em torno da noção de segredo e do uso de palavras-chaves. Trata-se da criação de trabalhos a partir do elemento chave, onde são gravadas palavras no lugar destinado ao recorte do segredo. A idéia do trabalho tem origem na visita que fiz a este espaço, quando observei a presença de uma porta que não possuía passagem. Esta porta cumpria apenas a função de delatar uma parede bloqueadora do que antes poderia ter sido uma conexão entre espaços distintos. Para uma porta sem passagem, criei um porta-chaves: um claviculário que guarda chaves com segredos incomuns. Com este trabalho, criei Ter sublinhado o esforço de todos nós para obter a senha que permita a desobstrução da travessia do desejo.

5. O desenrolar dos Claviculários no trabalho do CCB, em 2003, na exposição Ordenação e Vertigem, com a curadoria do Agnaldo Farias, o TODOS OS NOMES CHAVES, por exemplo, parece marcar outro senso na continuidade do seu trabalho, é isso?

O trabalho tem por título TODOS OS NOMES CHAVES. Todos os nomes é o título do romance de José Saramago. Este é um romance-vertigem, um profundo mergulho no enredo burocrático das classificações e suas falhas metodológicas. Há muitas coincidências entre a estrutura do romance e o conceito da exposição "Ordenação e vertigem" e particularmente com o meu trabalho. No romance, a ambientação de base é um cartório, com todos os seus fichários e estruturas simétricas de organização do espaço. Fiz uma associação direta entre o cartório e o cofre do banco. O personagem principal, Sr. José, é um grande colecionador. Entre suas coleções, está a de recortes de jornais que tratam de pessoas famosas. Entre elas, um BISPO! Em uma de suas buscas desesperadas de repertório pessoas (os arquivos são divididos basicamente entre OS VIVOS e OS MORTOS) foi sugerido ao Sr. José que procurasse os nomes na lista telefônica. Tomei esta indicação para mim e me apropriei de todos os nomes CHAVES da lista telefônica de São Paulo e de Porto Alegre, fazendo interseccionar estes espaços. Caso a exposição siga para outro destino, terei que acrescentar TODOS OS NOMES CHAVES da lista telefônica do lugar e assim por diante. 864 nomes Chaves, gravados em placas de latão, distribuídas, em ordem alfabética, por todo o espaço interno do antigo cofre do banco, configurando uma grande caixa de correspondência. O desenho do trabalho inclui uma fresta para a colocação da carta e o tambor para o encaixe da chave. O desenho é de uma simetria absoluta. A ordem alfabética, a criação de ortogonais e as cores dos materiais, seja o verde-escuro do próprio cofre, o dourado do latão, o prateado do tambor para chave, a repetição do nome CHAVES, tudo leva a uma grande ORDENAÇÃO. A VERTIGEM, creio, estava no momento de... bom, deixei esta possibilidade para a tomada de posição dos próprios visitantes!

6. Sei que uma certa condição de olhar, um seu olhar, muito particular, permeia a marca e demarca seu trabalho. Fala um pouco disso.

Creio que em meu trabalho há uma insistência do branco e também a insistência do muito. Hoje, estou trabalhando com 581 pratos de louça branca, que pesam 1290 quilos. Trata-se do trabalho HORIZONTE PROVÁVEL, que será inaugurado no próximo dia 4 de dezembro, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói. O diretor Luiz Guilherme Vergara é também o curador desta e de outra exposição no mesmo período: Poéticas do Infinito". Neste sentido, tenho novamente algo a estender para entender. Não se trata mais de metros e metros de toalha branca: agora é um livro, linha a linha, que quero estender na praia. "A arte no horizonte do provável" de Haroldo de Campos, é a obra literária geradora deste novo trabalho. Com os vários elementos que estou construindo, sinto estar devolvendo a literatura ao litoral. Meu gesto atual é o de cortar, linha a linha, de todo o ensaio. Conhecer o livro na sua horizontalidade extrema, radical. Com as pontas unidas de cada linha do texto, estou obtendo uma fita metálica bastante singular. Creio que teremos cerca de 600 metros de livro, não é fantástico? Pretendo desenrolar o fio na beira da praia: desenrolar pratos para enrolar novamente. Eís tudo.

Do texto, retirei os 581 verbos no infinitivo que Jailton utilizou para construir um pensamento do provável. Os verbos estão impressos em pratos de porcelana branca, a ser colocado, lado a lado, de forma a criar um colar que seguirá o contorno do prédio redondo de Oscar Niemayer. O verbo no infinitivo não tem tempo. Ninguém mais tem tempo, e se desespere por isso. O verbo não: faz de seu estado infinitivo um infinito de possibilidades, sem presente, passado ou futuro. Com este trabalho, uno ao gerúndio de sempre a leveza da probabilidade.

7. Elida, e o Torreão, que talvez seja hoje no Brasil o único espaço não-institucional para experimentação em arte contemporânea, ali, na charmosa Rua Santa Terezinha, Bom Fim, numa esquina, numa dobra, num lugar de entre, com aquela chavinha que cai pela janela quando se toca a campainha, enfim, fala um pouco do Torreão.

Repito aqui o que ouvi ainda ontem de meu amigo Jailton Moreira, com quem compartilho esta deliciosa sociedade: o Torreão, antes de ser um lugar ou uma atitude, ele é duas pessoas. Tem sido assim há mais de 11 anos: queremos fazer algo e fazemos, assumindo todas as responsabilidades. Eu e Jailton nos conhecemos no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1980. A primeira vez que o vi, ele estava mostrando seus desenhos em lápis pastel no bar, para um grupo de amigos. Ao me aproximar, bati os olhos nos trabalhos, já desentendo o desejo de estar perto, por Ter gostado do que vi e ouvi, pela sinceridade do desenho e pela demonstração de prazer em mostrá-lo. Naquela época, isto tudo era muito inédito, provocador. Jailton e eu fomos colegas de algumas disciplinas e logo nos tornamos colegas como professores na Escolinha de Arte da Associação de Ex-Alunos do Instituto de Artes/UFRGS. Trabalhávamos no mesmo horário, em turmas diferentes, porém com a porta aberta. Ali, estreitamos nossos laços, sempre apoiados em convivência e conversas constantes, ampliando nossos repertórios de artistas, compartilhando o envolvimento com nossas respectivas produções, e o nosso modo de perceber uma proposição. Jailton sempre falava muito em cinema e eu em literatura, cada qual configurando suas listas de filmes/livros. Tivemos também a oportunidade de realizar algumas viagens juntos, principalmente à Bienal de SP, a começar por 1983 e uma viagem a Minas Gerais. Tudo isso deixou marcas importantes em nossa interlocução.

Eu me formei no Instituto de Artes em 4 anos, e Jailton conseguiu permanecer no curso por 16. Essa diferença de ritmos também permitiu que percubéssemos outra forte diferença: o desejo ou não de cumprir "contratos" institucionais. Eu logo parti para cursos de pós-graduações, enquanto ele seguia seus propósitos em educação através da arte, seja para crianças, adolescentes ou adultos. A necessidade de espaço para o desenvolvimento de suas atividades com adultos foi uma forte razão para a abertura do Torreão. Enquanto estive fora do Brasil, Jailton e eu continuamos nossa conversa, sendo que Jailton e Rosina, sua mulher, nos fizeram algumas visitas em Paris. No momento de noticiar nosso retorno, Jailton perguntou-me: fazer o quê no Brasil? (era a época do impeachment Collor), ao que pude responder: *fazer alguma coisa*. O Torreão é este "*alguma coisa*" e tem sido, desde o encontro do imóvel até a concepção do que seria ali desenvolvido, continuamos com a nossa prática de conversas. A idéia de convidarmos artistas para realizarem intervenções em torre surgiu também de nosso desejo de incremento de conversa, ampliação de diálogos e troca de informações. Tinhamos a garantia de ter conosco, pelo menos durante o período de montagem e apresentação do trabalho, mais um interlocutor. Com ele, vinha o público, os amigos, melhor dizendo, que também criava uma interação direta com os alunos de Jailton.

TORREÃO é o nome que demos ao nosso espaço por ele ter uma torre, um pequeno observatório nos altos da casa. É este o espaço que destinamos para a intervenção de artistas, que criam trabalhos para o local, com os elementos que o constituem, isto é, escada, corrimão, pia, 12 janelas, espaço de mais ou menos 4,5 x 4,5 metros quadrados e um pé-direito de cerca de 3,5 m. Os trabalhos são concebidos e destruídos ali mesmo, pois não há grandes aberturas para passagem de volumes hiper-dimensionados. Mas o Torreão, como lugar, como idéia, não se reduz ao espaço da torre, ao contrário. É todo o conjunto: espaço físico de mais ou menos 200 metros quadrados e espaço de idéias, envolvendo muitas atividades.

Além das intervenções de artistas, com uma média de 6 por ano, temos encontros para discussões e conversas com artistas e intelectuais interessados em apresentar suas problemáticas de trabalho. Estes encontros, os quais chamamos "Conversas" acontecem geralmente aos domingos, seis da tarde. Como já existem ao longo desses 11 anos, acreditamos que estejam fomentando, em níveis diferentes para cada um dos frequentadores, uma base para reflexões um pouco mais aprofundadas a respeito de nosso contexto artístico/cultural e acerca das razões de uma proposição artística. Como já disse, o Torreão é também o meu atelier e o do Jailton, é o lugar onde ele desenvolve suas atividades como professor, que incluem orientação de trabalhos individuais, análises de filmes, projeção de vídeos e slides, leitura de textos, sempre com muito espaço para as discussões. Destas atividades, tento participar o máximo possível, considerando que tenho grande parte de meu tempo preenchido por minhas atividades no Instituto de Artes da UFRGS, e ano sou professora desde 1993, ano que coincidi com o meu retorno de Paris, onde concluí meu Doutorado, e onde fui inaugurada do Torreão.

Ao longo desses 11 anos, estreitou-se muito as relações entre o Torreão e o Instituto de Artes, sendo que muitos são alunos de um e de outro ao mesmo tempo. Poderiamos dizer, creio, que o Torreão é uma somatória de nossas convicções e de nossas dúvidas a respeito da arte, a respeito da vida, mesmo. Temos a possibilidade de associar sempre a produção à uma reflexão, criar pensamento, perguntar sobre o como e onde, sobre o quando e o para quem. Assumimos as oscilações, já que elas nos colocam à prova, e isto é o que tem nos movido e aumentado o nosso entusiasmo.

É preciso também lembrar que o Torreão não recebe nenhum tipo de subvenção. O investimento é nosso, particular. Sobrevivemos com o que podemos/queremos gastar. O que não nos impede de colocar em prática nossos projetos. Obviamente, contamos com todos: com os artistas que se propõem a produzir e bancar os custos de seu trabalho, a instituições como a Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria da Cultura do Município, incluindo aqui o Atelier Livre da Prefeitura, o próprio Instituto de Artes, em algumas produções conjuntas. Vale sublinhar que mantemos um acordo com o Goethe Institut, de Porto Alegre, que traz a cada ano um artista alemão para realizar um trabalho no Torreão. Este acordo configura-se como uma bolsa-residência, em que o Torreão entra como espaço de atelier e suporte afetivo durante o período de um mês.